

LEONARDO SCIASCIA: A SICÍLIA COMO METÁFORA

Maria Glória Cusumano Mazzi

Considerado pela crítica como o mais iluminista dos escritores italianos modernos, Leonardo Sciascia diz crer na razão, na liberdade e na justiça que juntos são a razão.

O seu ceticismo entendido positivamente como uma espécie de válvula de segurança da razão é o melhor antídoto para o fanatismo. Acusado de pessimista, ele rebate que a realidade é que é péssima e não tem melhorado ao longo dos anos, na Itália e no mundo.

Em resposta a esta acusação Sciascia escreve em 1979 Nero su nero abordando o tema. A negra escritura sobre a página negra da realidade. A obra é uma coletânea de escritos

variados publicados nos jornais daquele ano. Os artigos são de todos os gêneros: históricos, literários, lingüísticos e até referentes a livros recém editados.

Embora Sciascia nunca tenha cultivado otimismo sobre o destino humano, sua convicção de que até nos tempos mais negros ocorre uma veia do que ele chama de razão universal, impediu que suas diagnoses impiedosas transformassem a realidade num quadro de desespero metafísico ou até em um enfadonho moralismo.

Sciascia escreve nos anos 60 três romances: Il giorno della civetta (1961), Il consiglio d'Egitto (1963) e A ciascuno il suo (1966) que narram as batalhas perdidas de um capitão ou de um professor contra a máfia ou ainda de um intelectual do iluminismo contra o antigo regime. Os três breves romances passados na Sicília, onde Sciascia nasceu em 1921 e vive hoje, constituem uma parábola descendente. Isto é, do pouco de ilusão contida nas suas obras juvenis sobre a possibilidade de uma racionalização da vida da ilha (e da vida humana em geral), Sciascia chega à constatação da incurabilidade, da totalidade do mal e de suas infiltrações sem remédio.

O tema é retomado em 1971 em Il coniglio, um romance policial cuja essência é mais uma vez temática política de absoluta atualidade.

Sciascia é conhecido como escritor de romance policial que afronta os problemas de corrupção da sociedade em geral e da siciliana em particular. Três são os temas a

predominarem em seus romances: o gênero policial como "forma"; o Estado; a violência e o engano.

Tratando metalinguisticamente do gênero policial, os romances de Sciascia fazem uma reflexão que parodia os temas e a forma do romance policial na medida em que retomam os estereótipos, a técnica literária e a própria metafísica deste gênero literário para ludibriá-los com voluntária bravura de grande escritor. Daí se explica o fato dos heróis sciascianos serem pseudo-literatos enquanto que o protótipo do detetive nascido e criado em período positivista é um pseudo cientista. Há sempre vários delitos em seus romances, porém o seu detetive dificilmente encontra os culpados ou quando os encontra não consegue puní-los.

O segundo tema diz respeito à criminalização do Estado, ao uso político da delinquência. Em se tratando da sociedade siciliana, a máfia oferece um exemplo típico de corrupção que é abordado por Sciascia. A lei não é assegurada pela consciência do indivíduo, mas sim pelas instituições como Estado e Igreja. Estas representam o poder. Segundo Sciascia o poder corrompe sempre porque é corrupto e corruptor, envolve negativamente todos que dele participam ou se aproximam, venham de onde vierem, danificando irremediavelmente toda a sociedade.

O poder na Itália está representado pelos dois maiores partidos políticos: Partido Democrata Cristão e Partido Comunista Italiano ambos severamente criticados por Sciascia que do último chegou a ser militante.

do último chegou a ser militante.

Dos dois temas acima decorre o terceiro: a violência e o engano. Ambos são motivos recorrentes em Sciascia, tanto no nível histórico como no de comportamento individual.

A violência está ligada ao ato da fala pois falando se alude e se agride. É interessante observar como o engano está sempre em relação com a escritura. No contexto mafioso há sempre um bilhete anônimo delator que desencadeia as investigações. Assim, à mão corresponde respectivamente um autor: do delito, da carta anônima, e do próprio romance.

A permuta entre mão violenta (que comete o crime) e mão que escreve (o bilhete anônimo ou o romance) denunciando, é sem dúvida uma das constantes do mundo Sciasciano.

L'affaire Moro é de 1978 e foi escrito poucos meses depois do seqüestro e assassinato do presidente do partido democrata cristão. O livro narra o trágico acontecimento fazendo uma detalhada análise política e lingüística das cartas que Moro escreveu na prisão e enviou a seu partido. Sciascia mais uma vez faz duas fortes críticas: uma ao Estado que até então havia convivido com a máfia siciliana, a camorra napolitana e todo tipo de banditismo, mas diante do prisioneiro Moro se levantava forte e solene negando-se à negociação, e a outra dirigida aos chefes do partido democrata cristão que refutavam as cartas de Moro, pondo em dúvida a sua credibilidade. Para Sciascia isto ocorreu justamente porque Moro acusava a Democrazia Cristã de invertebrada, incompetente, tenaz e ao mesmo tempo disponível.

Com Indo Modo (1974) outro romance policial mafioso, Sciascia diz ter tentado acertar contas definitivamente com o catolicismo.

Em Candido, ovvero un sogno fatto in Sicilia (1977), tem-se num conto rápido e leve, o grande modelo voltairiano considerado como chave de leitura da sociedade, onde parece dominarem dois universais ideológico-políticos: catolicismo e o comunismo frequentemente confluentes ou refletidos mutuamente, com todas as suas contradições e absurdos. Voltaire representa para Sciascia um exemplo de profissionalidade de escritura, um modelo de escritor: claro, ágil, sagaz, conciso, inteligente, sintético e irônico.

Não só Voltaire serviu de modelo ao escritor siciliano. Na sua adolescência, ao ler Il fu Mattia Pascal, de Pirandello, Sciascia afirma ter sentido o drama pirandelliano em seu interior. Questões acerca da relatividade, identidade levaram-no a um isolamento só superado pela razão. Essa influência permaneceu na obra de Sciascia que confessa ter tentado introduzir o drama pirandelliano no romance policial.

La corda pazza (1979) é um ensaio literário que fala de escritores e coisas da Sicília. São quase trinta ensaios de argumento siciliano entre cultura e costume da Sicília árabe ou espanhola até a de hoje.

Por tudo isso pergunta-se até que ponto Sciascia se considera um escritor siciliano. A resposta ficou registrada em entrevista à Marcelle Padovani, publicada em 1979 com o título

de La Sicilia come metafora. Sciascia explica:

"C'è stato un progressivo superamento dei miei orizzonti, e poco alla volta non mi sono più sentito siciliano, o meglio, non più solamente siciliano. Sono piuttosto uno scrittore italiano che conosce bene la realtà della Sicilia, e che continua a essere convinto che la Sicilia offre la rappresentazione di tanti problemi, di tante contraddizioni, non solo italiani ma anche europei, al punto da poter costituire la metafora del mondo odierno". (1)

O termo de comparação que legitima a metáfora é a corrupção no poder, a criminalização do Estado, o uso político da delinqüência.

Sciascia se antecipa na sua reflexão e vê Sicílias em todas as sociedades modernas.

Sicília: metáfora no mundo.

A obra Sciasciana: paródia do gênero policial.

Sciascia: exemplo da melhor literatura.

NOTA

(1) L. Sciascia - La Sicilia come metafora

1984 - Milano-Mondadori, p. 78.

OPRAS DE LEONARDO SCIASCIA

- Le favole della dittatura, Roma, Bardi, 1950.
- La Sicilia il suo cuore, Roma, Bardi, 1952.
- Pirandello e il pirandellismo Galtanissetta, Sciascia, 1953.
- Le parrocchie di Regalpetra, Bari, Laterza, 1958 e 1967.
- Gli zii di Sicilia, Galtanissetta, Sciascia, 1958 e Torino Einaudi, 1960 (con l'aggiunta de L'antimonio).
- Pirandello e la Sicilia, Galtanissetta, Sciascia, 1961.
- Il giorno della civetta, Torino, Einaudi, 1961.
- Il consiglio d'Egitto, Torino, Einaudi, 1963.
- Morte dell'Inquisitore, Bari, Laterza, 1964 e 1967.
- L'onorevole, Torino, Einaudi, 1965.
- Feste religiose in Sicilia, Bari, Leonardo da Vinci, 1965.
- A ciascuno il suo, Torino, Einaudi, 1966.
- Narratori di Sicilia, antologia in collaborazione con Salvatore Guglielmino, Milano, Mursia, 1967.
- Recitazione della controversia liparitana dedicata ad A.D., Torino, Einaudi, 1969.
- La corda pazzo, Torino, Einaudi, 1970.
- Atti relativi alla morte di Raymond Roussel, Palermo, Esse Editrice, 1971.
- Il contegno, Torino, Einaudi, 1971.
- Il mare colore del vino, Torino, Einaudi, 1973.
- Todo modo, Torino, Einaudi, 1974.
- Luciano e le fedi prefazione ai Dialoghi di Luciano, Torino, Einaudi, 1974.
- La scomparsa di Majorana, Torino, Einaudi 1975.
- L'agnalafiori, Torino, Einaudi, 1976.
- Candido ovvero un sogno fatto in Sicilia, Torino, Einaudi, 1977.
- L'affaire Moro, 1978.
- La Sicilia come metafora, Milano, Mondadori, 1984. Do original La Sicile comme métaphore - conversations en Italien avec Marcelle Padovani. (1979).

- AMBROISE, Claude. Invito alla lettura di Sciascia. Mursia.

- MANA CORDA, G. Letteratura italiana D'oggi, 1965-1985, pp.158-164. Ed. Riuniti - Roma, 1987.